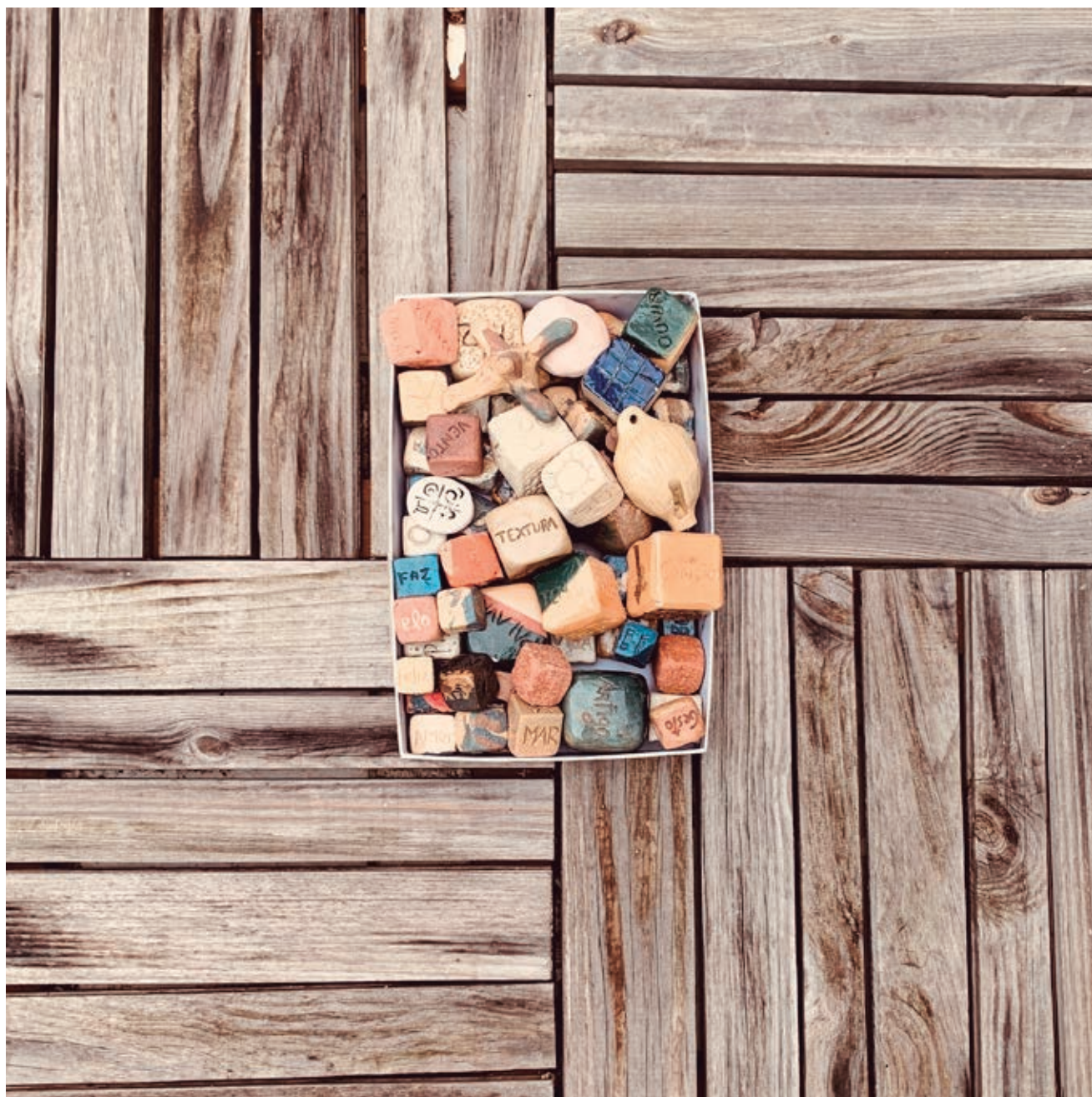


texturas⁰²

 Revista Literária da Oficina da Palavra • Novembro • 2019



Búzios literários

Contos • Crônicas • Resenhas • Poemas • Experimentos

REVISTA TEXTURAS

Oficina da Palavra Publicações

Projeto Gráfico e Diagramação:

Ítalo Mendonça

Revisão Geral e Edição:

Cyntia de Oliveira e Silva

Foto da capa:

Búzios literários 02

por: Cyntia Silva

Contato:

Telefone: (48) 9 9963 1355

cyntia@ofpalavra.com.br

[instagram.com/oficina_da_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

[facebook.com/ofdapalavra](https://www.facebook.com/ofdapalavra)

OFICINA DA PALAVRA

Revista Texturas.

v.1, n.2 (nov. 2019) – Florianópolis: Oficina da Palavra Publicações, 2019. 84 f.: il

“Vários colaboradores”

Semestral

Publicada também como Revista Eletrônica no *site* da Oficina da Palavra.

1. Literatura - Periódico. 2. Conto e crônica. 3. Poesia e aforismo.

4. Fotografia. 5.Arte.

Sumário:

5 Cyntia Silva

Apresentação

– **CONTOS & CRÔNICAS**

6 Jeana Lexau

Infomaníaca

10 Luiz Alexandre Azevedo

Sem mais migalhas

12 Paulino Jr.

A marcha do níquel

14 Edir Alonso

20 de agosto de 2064

18 Jorge Paulino

**A coruja da UFSC
pinicou a minha
cabeça**

20 Guilherme Guanabara

**Branca, perpétua,
cercada**

24 Dennis Radünz

**Duas horas novas no
agreste**

28 Adriana Leal Brum Silva
(re)Descoberta da minha terra natal

32 Nicolas Medina
Divagando sobre rodas

34 Thaís Zanluchi
Crisálida

36 Elvira Dávila
Juramento

38 Frederico Montojos
Uma crônica coloquial

40 Anderson Rodrigo
És bonita

42 Larissa Fionda
A caçada do gato

44 Ricardo Faion
Alho e óleo

– RESENHA

46 Piu Gomes
Pequenas felicidades trans

– POEMAS

50 Aline Maciel
Ela só quer dança e outros

56 Bruna Barreto
Meu amor de carnaval e Dandara

58 Vergílio J. Padilha
Fogos fugazes

60 Patrícia Galelli
Último farelo de humor

62 Dalton Barros
Poesia definitiva e metade

64 José Maia e Silva
Agradecimento

66 André Berté
Pobrefobia e outros

68 Samuel da Silva Mattos
De pontes e brumadinhos

72 José Carlos Mendonça
Dentro e fora das quatro linhas

74 Rafael Rosa Hagemeyer
Deshistória

76 Edir Alonso
Você tem medo

78 Marco Oliva
Poema cerâmico



"Búzios literários".

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis, 2019.

Apresentação

Encerramos o ano com a segunda edição de *Texturas*, a revista literária da Oficina da Palavra. Estamos felizes com a receptividade da publicação. Nov@s escritor@s engajaram-se no projeto e costumamos um número maior.

A montagem foi feita da mesma forma que a anterior: recebemos produções e as agrupamos conforme os gêneros e a conexão temática percebida por nossa leitura.

Entre @s autor@s, há iniciantes e outros com estrada literária pavimentada. A resenha é a novidade, e temos um texto de *Piu Gomes*.

No grupo de contos e crônicas, marcam presença: *Jeana Lexau, Luiz Alexandre Azevedo, Paulino Júnior, Edir Alonso, Jorge Paulino, Guilherme Guanabara, Dennis Radünz, Adriana Leal, Nicolas Medina, Thaís Zanluchi, Elvira Dávila, Frederico Montojos, Anderson Rodrigo, Larissa Fionda e Ricardo Faion*.

Na seção de poemas, temos: *Aline Maciel, Bruna Barreto, Vergílio Padilha, Patrícia Galelli, Dalton Barros, José Maia e Silva, André Berté, Samuel Mattos, José Carlos Mendonça, Rafael Rosa Hagemeyer, Edir Alonso e Marco Oliva*.

A sinestesia, marca de *Texturas*, continua presente nas imagens que ilustram este exemplar e no trabalho de edição gráfica do *Ítalo Mendonça*. Desta vez, emprestaram seus olhares para essa publicação @s fotógraf@s: *Adriano Ebenriter, Caroline Garcia, Mara Fernanda, Simone Dalcin* e eu, *Cyntia Silva*.

A foto de capa e o subtítulo da edição, **Búzios Literários**, foram inspirados em um acaso. Em julho deste ano, visitei o sebo Desterrados, no Centro de Florianópolis, para deixar alguns exemplares da primeira edição com *Tasso*, o articulador do local. Naquele dia, *Marco Oliva* ministrava sua oficina de cerâmica e me mostrou seus dados poéticos. Joguei-os. Para minha surpresa, a face de um dos dados que tinha a palavra *Texturas* caiu virada para cima. Registrei uma foto do momento. Ela simboliza a conexão que tenho sentido com várias pessoas e projetos que venho conhecendo nos últimos anos. *Rosângela* e *Fran*, do Sebo Bagagem (no bairro Santa Mônica), estão entre essas conexões casuais que entraram em nossos caminhos literários.

A ligação com o mundo das artes tem crescido na Oficina da Palavra e em minha vida. Além de expressão de nossa humanidade, temos como princípio que elas (as artes) representam um instrumento de resistência: uma voz de luta contra a sociedade da mercadoria e contra o conservadorismo crescente. Por estas páginas passam: movimento, tempo, história, política, crítica, conexão, dúvida, trabalho, reflexão, tristeza, alegria, vida, morte, amor, amizade, escolha, desafio, luta, dança, futuro.

Sem mais, vamos à leitura.

Cyntia Silva

Contos & Crônicas



Infomaníaca

“Olhar embaçado”.

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis, 2019.

Jeana Lexau. Pseudônimo de Jeana Laura da Cunha Santos, (1970 -) gaúcha de Santa Cruz do Sul/RS, jornalista, professora e escritora. É autora dos livros: *A estética da melancolia de Clarice Lispector* (EDUFSC, 2000); *O Colecionador de histórias miúdas: Machado de Assis e o jornal* (Editora Insular, 2013); *À Beira*, em parceria com Jéferson Dantas (Insular, 2019). Vencedora do concurso de crônicas “Maura de Senna Pereira” com o livro *Crônicas da cidades partidas*, promovido pela Editora da UFSC em 2013.

Tinha pressa. Corpo e mente enervavam-se ao ritmo do *online*. Imprimia passadas rápidas ao caminhar, um relance cada vez mais ágil dos olhos a mirar coisas que passavam por ela como um cinematógrafo veloz. Há muito prescindia de sentar num café, descansar as pernas

e deixar o olho pousar contemplativo no que vai pelo entorno. Dir-se-ia que abandonou o mundo concreto para se refugiar na pequena tela iluminada que se punha entre os olhos dela e o colorido real do mundo.

Andava, olhava o visor, teclava, e tudo ao mesmo tempo. Fotografava-se onde quer que estivesse para poder contemplar-se na tela diminuta e assim lançar-se aos olhos dos outros. Sua imagem melhorada pelos avançados recursos de filtros e pela escolha de seus ângulos mais favoráveis seria replicada e imposta aos milhares de amigos que a curtiriam, que a amariam, que profeririam elogios sobre sua aparência, seu estilo, seu modo de

vida. Seguiriam sua tendência, sobre o que estaria *in* e o que estaria *out* na profusão de mercadorias na vasta estante virtual. Até a tristeza seria milimetricamente ensaiada para ser esteticamente acolhida. “Chuva lá fora... Estes dias sombrios me deixam um pouco triste”, diria ela por entre sombrinhas assinadas pela amiga blogueira. Uma piscadela matreira no olho direito e o semi-sorriso do lábio denunciariam que tristeza tão lapidar só poderia ser falsa, simulacro de um tédio forjado para ser *blasé* num universo forçadamente solar. Mas a encenação era acolhida e reverenciada pela audiência que postava mensagens de falso conforto, ao mesmo tempo em que perguntavam onde poderiam adquirir guarda-chuvas assim tão descolados.

Tantos amigos a querer consolá-la de uma dor ilusória que, se estivesse de fato triste, poderia de fato melhorar. Mas nem triste, nem feliz, uma vez que a aceleração vertiginosa dos *posts* não permitia deter-se em nenhuma emoção.

Tinha pressa. O número de *likes* de um post precisava ser ultrapassado no seguinte. Angustiava-se se tal meta aleatória não fosse cumprida. Passava os dias numa corrida inglória contra si mesma. Seu trabalho virtual era executado com tanto afincamento que precisou abandonar o trabalho concreto para se tornar o que chamam de *digital influencer*. Ditava padrões de moda, regras, costumes, condutas. Inventava neologismos, abusava do “fashionês”, erigia uma língua própria que era logo imitada pelas seguidoras. Criava cenários. Reinventava o espaço e o tempo. Fundava toda uma cidade e, dentro dos seus domínios, reinava. Tinha poder. Tinha um séquito voraz de seguidoras a consumi-la por inteiro.

Submergia tanto neste mundo inventado que o verdadeiro mundo passou a desalojá-la. Começou

a ter tremores ao atravessar a rua. Pânico ao entrar em elevador. Taquicardia ao entrar nos transportes públicos. Tontura com as multidões da urbe.

Consultou um psicanalista renomado de sua vasta lista de contatos e o diagnóstico foi síndrome do pânico e agorafobia. Orientou-lhe sobre a necessidade de se desconectar um pouco, evadir-se na natureza, exercitar-se mais.

Seguiu as orientações do médico renomado e mudou seu estilo de vida. Hoje, suas postagens versam sobre bem-estar e superação. Como atingir o equilíbrio dentro do caos do mundo. Como ser feliz em dias tão áridos. Como acordar de manhã e fazer tudo conspirar a seu favor. Como respirar. Como ficar iluminada sem usar maquiagem. Como alcançar enfim a grande beleza que vem de dentro para fora. Como atingir o estado de *flow*, “onde o trabalho se desenvolve mais facilmente e com senso de felicidade e amor”, dizia encarando a câmera em *closeup* e atitude zen.

Das fotos estáticas de sua antiga *time life* passou aos vídeos performáticos e de retórica messiânica. De *digital influencer* passou a *wellness coach*, discursando sobre a sustentabilidade do planeta, os produtos intuitivos, os movimentos de *slow food*, *slow fashion*, *mindfulness*... Logo veria seus algoritmos aumentarem em escala exponencial. Logo seria sondada por patrocinadores de produtos *indie* e sites e blogs de “empoderamento” do indivíduo. Criaria um novo domínio sobre liberdade, mas seria inexoravelmente aprisionada nele num moto-contínuo. *Ad infinitum.* ☪

Sem mais migalhas

Luiz Alexandre Azevedo. 27 anos, natural de Florianópolis, é formado em relações internacionais e graduando em jornalismo, apesar de ser apaixonado por psicologia. Inspira-se em histórias de terror e seus escritores prediletos são: Lovecraft, Stephen King e a série de Silent Hill.

Dedos batendo incessantemente na mesa. Gotas de suor formando-se em sua fronte. Dentes mordendo lábios inferiores.

Já faz uma semana desde que o Instagram tinha removido o número de curtidas nas fotos. Todo o intuito era diminuir o impacto negativo para que os usuários não ficassem comparando números; quem tem mais curtidas, quem é mais popular. O intuito é diminuir o nível de ansiedade e depressão.

No entanto, Camila estava sofrendo justamente com isso.

Cresceu idolatrando as celebridades das novelas. O poder que tinham de fazer propagandas, shows, terem uma caravana atrás delas. Quando surgiram os influenciadores digitais, graças às plataformas *YouTube* e *Instagram*, viu a oportunidade de ser igual a seus heróis.

Começou com alguns seguidores, fazendo anúncios de graça para marcas de que gostava, tutoriais de maquiagem, vídeos desembulhando caixas e produtos.

Camila tinha grande satisfação em fazer tudo

isso. Mas os números começaram a pesar. Já não aumentavam seguidores e curtidas como antes. Então, buscou um pouco de ajuda para ter mais visibilidade. Logo, começou a comprar seguidores. Deixou de postar fotos naturais; primeiro as editava um pouco. Depois passou a pagar por ensaios provocantes.

Dinheiro foi investido e pouco foi recebido de volta. Todo esse processo acabou virando um vício. E assim como todo vício que é interrompido, sentia abstinência.

O número de curtidas diminuiu e não conseguiu comparar-se com outros influenciadores para ver se estava tendo mais sucesso.

Atormentava-a o silencioso celular pousado à sua frente. Notificações tornaram-se esporádicas.

Não podia mais guardar isso. Lembrou logo da sua amiga Viviane. Bom, amiga é um termo muito forte. Camila e Viviane tinham feito algumas colaborações no *Instagram* para uma marca de cosméticos.

“Oi, amiga, tudo certinho?”

“Oi, Ca! Tudo sim e com você?”

“Mais ou menos. Sabe, fiquei muito chateada com essa atualização do *Instagram*. Como você tem lidado com isso?”

“Sério? Nossa! Que pena que tais assim. Ah, sei lá, não tenho pensado muito nisso. Na verdade, só agora que você falou, eu me lembrei dessa parada.”

“Nossa, Vivy, mas como está o crescimento da sua página? O número de *likes* e tal?”

“Eu acho que vai como sempre foi. Faço as minhas postagens normais. Eu sei que você tem uma página diferente, mais tratada, mas os meus

seguidores gostam do meu jeito mais natural.”

“Como assim, jeito natural??? Tais querendo dizer o que com isso???”

Antes que Viviane pudesse responder, Camila já tinha atirado o celular para o sofá.

— Como ela pode dizer que eu não sou natural?!

No fundo, Camila podia ver como. Mas era difícil conseguir admitir.

Subiu as escadas coçando a cabeça. Já estava tarde e nada de bom iria vir àquela hora. O melhor era deitar a cabeça e dormir.

O alarme tocou no mesmo horário: 13 horas.

Camila fez a mesma rotina de sempre. Saiu da cama, tomou banho, colocou uma maquiagem básica no rosto, desceu até a sala para resgatar o celular abandonado e voltou para a cama.

Agora, tomada dois.

Refez todo o processo filmando para postar no *Instagram*. No final, fazendo uma maquiagem mais pesada, baseada em um tutorial que viu de outra menina.

Vídeo postado.

Agora era só aguardar.

Sem demora, o som de notificação tocou. Camila desbloqueou para ver, mas nem era do *Instagram*.

“Aff”

Era uma notificação do *Google*. Lembrança de uma foto de um ano atrás. Camila tinha ido à festa

de aniversário de uma amiga. Foi uma mera *selfie*, mas todas estavam muito alegres. Vê-la deu um sentimento gostoso de nostalgia.

Veio à mente de Camila o comentário de Viviane, que poderia ser mais natural.

“Quer saber, já que só eu estou me importando com essa mudança, vou postar a foto mesmo”

Sem edição, foi a foto crua, apenas com a marcação das amigas.

Camila desceu para tomar o café-da-manhã. Quando chegou à cozinha, percebeu estar sem o celular, tinha deixado-o no quarto.

“Que estranho, não tenho esse costume”

A preguiça de voltar apenas para buscá-lo era maior. Comeu, fez os afazeres de casa. Voltou para o quarto apenas mais tarde. Ao pegar o celular, havia várias notificações. Adrenalina começou a percorrer suas veias.

Mas, diferentemente do que havia imaginado, antes, não eram curtidas dos seguidores normais. Eram curtidas e comentários de suas amigas. Meninas que ela já não via há um tempo. Conversas ressurgiram, grupos que estavam esquecidos voltaram a ter movimento. Reencontros foram marcados, papos foram colocados em dia.

Com o passar dos dias, sutilmente, Camila percebeu que a ansiedade e a necessidade de curtidas tinha sumido e dado lugar a algo melhor. A conexão verdadeira com as pessoas e seus seguidores. Não precisava mais de migalhas em forma de coaçãozinho. ☪

A marcha do níquel

Paulino Júnior. (1979 -) Paulista de Presidente Prudente/SP, estreou com *Todo maldito santo dia* (Ed. Nave, 2014), premiado pela Academia Catarinense de Letras como 'Melhor livro de contos publicado em Santa Catarina em 2014'. Participou de eventos literários como o 5º Festival Nacional do Conto; *Flipobre*; e *Arte da Palavra – Rede Sesc de Leituras*. Seu único trabalho fixo é de ficcionista; e nisso inclui a coluna 'Labuta do Paulino', mantida de 2014 a 2016, no jornal *Notícias do Dia* (Florianópolis), e que ocasionou seu último livro *A felicidade dos gafanhotos e outras crônicas* (Ed. Class, 2018). Sua *Esfinge é o mundo do trabalho*: "Decifra-me ou devoro-te".

Marina fecha os olhos e ainda vê luzes, chispas coloridas como faíscas de um curto-circuito. Vai pra cama e, apesar do cansaço, demora a pegar no sono. Deita com o desejo de descansar, a necessidade de se recuperar, e a obrigação de não pensar em nada. Deve relaxar até que o sono se estabeleça – orientação de um especialista que assistira no *YouTube*, pois tratar da insônia começa por ir pra cama e não se dar ordens como o momento impositivo “devo dormir, devo dormir, devo dormir...”

Tanta coisa pra resolver, planejar, e o único momento que tinha para refletir só consigo mesma era quando assentava a cabeça no travesseiro. Logo mais começaria tudo de novo e não podia sequer calcular a cobrança para dormir.

Carnaval mais cedo no calendário significa temporada mais curta e correria intensa para quem conta com o verão para fazer um dinheiro. Além de operadora de caixa no supermercado, havia investido em joias de níquel para revender. Terminava o expediente, subia na bicicleta e disparava para exibi-las aos turistas que passeavam à noite pela praia de Canasvieiras. Um guarda-chuva preto é o mostruário onde brincos, anéis e pingentes, presos por ganchos e alfinetes, reluzem. Embora a sonolência e a exaustão piorassem com o calor que lhe baixa a pressão, gosta da atividade e informa cordialmente sempre que alguém se aproxima: “Joias feitas com o metal das moedas”.

Incursões pelo trabalho informal durante o verão já eram uma constante. Artigos alternativos constituíam sua preferência no comércio ambulante. Afirmava que também tinha a ver com o estilo que atrai um perfil mais interessante para fazer contatos, inclusive argentinos. Ela tanto tinha razão, que estava guardando uma grana para conhecer Buenos Aires e reencontrar

amizades feitas por ali (quem sabe tentar a sorte).

A Marcha Turca é o som programado no despertador do celular a fim de amenizar a sensação do cano frio de uma arma de fogo pousando em sua testa – “Levante-se ou pereça”. Sim, é assim que se sente a cada manhã enquanto busca alívio e ânimo com a sonata de Mozart.

Ainda que se frustrasse por morar com a mãe, seu consolo está em pensar que não tem filho nem ‘ninguém’. A vida é uma correria e correr carregando alguém deixa a caminhada mais árdua. Das moedas do supermercado ao metal das moedas. Em uma atividade garante a remuneração faça chuva ou faça Sol; já na outra...

De repente se viu numa praia escura, desolada, ia fechar o guarda-chuva quando um vento arremeteu forte e o levou pelos ares. Lá no alto parecia um urubu em casaca ornamentada de medalhas. Uma alegoria carnavalesca embalada numa marchinha que acabava de fazer Marina abrir os olhos. ☾



*"Ilusão de ótica".
Foto de Cyntia Silva.
Florianópolis/SC, 2016.*

20 de agosto de 2064

Edir Alonso. *Professor de literatura, apaixonado pela magia dos livros e pela arte de ensinar. Começou sua formação com fábulas que ouvia na infância. Leu por prazer em casa, por obrigação na escola e formou-se em bacharel em Direito. Sentiu-se torto e decidiu que queria ganhar a vida contando histórias. Há 17 anos vem produzindo brilho nos olhos de quem sonha em conquistar um lugar na universidade.*

Céu encoberto por nuvens negras de fuligem. Hoje faz oito meses que não vemos o Sol. Os ambientalistas dizem que seria por causa das queimadas na Amazônia Brasileira. Felizmente, 3/4 da floresta foram privatizados e se transformam nos santuários internacionais *Nestlé's Rainforest* e *Rio Negro Coca-Cola*.

A escuridão durante o dia tem provocado o aumento da criminalidade e de atentados terroristas. Hoje mesmo, próximo à grande estátua da Havan (antigas ruínas do Cristo Redentor), um sujeito sequestrou um ônibus, sem motivo aparente (?). O país parou. Até as aulas foram suspensas nas escolas para que a população acompanhasse em tempo real a ação da M.O.R.TE. (Milícia Organizada para Resposta ao Terror). Paralisação semelhante ao que acontecia no tempo dos nossos avós, quando o Brasil participava das finais da Copa do Mundo *Nike* de Futebol (faz muito tempo que isso não acontece...).

A emoção foi grande. O terrorista tinha uma pistola NERF e poderosas bombas caseiras que trazia casualmente na mochila sem que ninguém desconfiasse. Agora mantinha 39 reféns, ameaçando botar fogo no coletivo. Em alguns minutos, recebi pelo ZAP oito versões diferentes sobre a origem do sequestrador do busão. Escolhi a mais convincente para espalhar nos grupos do trabalho e da família. Com certeza, o bandido era filiado ao PISOL (Partidx Identitárix Socialist@ Lésbicx). Queria ganhar alguns minutos de fama e promover sua causa esquerdopata arriscando a vida de civis inocentes e ainda exigir um resgate de 30 mil Cruzados Novos para financiar ações do *Hezbollah*.

O próprio governador Willie Wonkzel foi chamado para resolver a situação. Junto à equipe cinematográfica da Rede Record, foi montada uma mesa de

operações de onde o governador simulava a ação da Milícia em um game chamado *Counter Strike Ultimate 2064*.

Foi em tempo real que a tv transmitiu a ordem de Willie Wonkzel para os disparos contra o terrorista. Willie exclamou: “mirem na cabecinha e... fogo!”.

Tudo foi muito rápido. Primeiro o malvado fingiu se render. Em seguida, só pudemos ver o bandido caindo ao chão. Infelizmente, as imagens não mostraram sangue. As crianças, com bandeiras do Brazil aplaudiram. Foi comovente aquela energia. O país todo unido, esperando por mais uma execução ao vivo e aquela explosão de um sentimento de justiça.

Há tempos não me emocionava tanto. O bem contra o mal. Como no cinema. A polícia venceu. O bandido morreu. Com 6 tiros na cabeça.

Senti prazer. Gozei. Como se eu mesmo tivesse matado. Até esqueci que a restituição do Imposto de Renda foi confiscada pelo governo.

A vida é dura e eu estou fodido. Mas fica o consolo: a certeza de que o bem sempre vence no final.

Espero que amanhã faça Sol. ☺



“Rasgo de luz”.
Foto de Cyntia Silva.
Chicago-EUA, 2019.



“Coruja”.

Foto de Adriano Ebenriter.

Florianópolis.

A coruja da UFSC pinicou a minha cabeça

Jorge Paulino. *“Apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco e vindo do interior” de Biguaçu, mais precisamente do bairro Rússia. Apaixonado por matemática, escolheu ser professor, mas é amante de muitas outras produções humanas, como música, cinema, filosofia, psicologia, literatura e futebol. Casado e pai de dois lindos menininhos, entende que a vida poderia ser menos frenética, ter menos acessórios, menos boletos, menos metas. É um idealista e defende que a todo ser humano deveria ser dado o sagrado e irrevogável direito de existir dignamente, com um mínimo de conforto, sem se sentir coagido a “empreender”, fazer fortuna ou fama.*

Ela, e mais uns dois filhotes, ainda moram numa árvore ao lado do ponto de ônibus que fica atrás da coordenadoria de matemática e na frente do CED. Era uma quinta-feira fria de outubro de 2018. No intervalo de uma aula no CFM, saí à rua para retornar uma ligação da minha esposa. Caminhava concentrado, de cabeça baixa, falando com ela, quando senti algo beliscar com força a minha cabeça. Assustado e com medo, quase não acreditei quando vi aquela coruja me sobrevoando. Corri, esbravejei um pouco, mas logo compreendi que invadi seu espaço o suficiente para ela supor que seus filhotes estavam em perigo.

Como o celular ficou ligado, a Ju, do outro lado da linha, misturava uma vontade de rir com a curiosidade sobre o acidente. Prevaleceu a primeira e, é claro, saciou o interesse do Pedro, que estava ao seu lado no telefone.

Quando cheguei em casa para o almoço, o tema não poderia ser outro. “Papai, conta a historinha da coruja que beliscou sua cabeça!”. Esse pedido se repetiu por muitos dias. Cheguei a levá-lo lá, em janeiro, pra conhecer as corujas.

Ainda hoje, quando digo que vou pra UFSC, ele pede pra contar a “historinha”.

A UFSC significa muito pra mim. Entrei na graduação em matemática em 1991, quando tinha 20 anos. Me formei em 1996 e, três anos após, já tinha concluído o mestrado. Retornei no ano passado pra fazer o doutorado. Eu tenho um caso de amor com aquela universidade. Eu sei dos seus defeitos, dos seus problemas, mas nunca admiti que falassem mal dela. Foi lá que eu me tornei gente. Foi com as ferramentas que ela me deu que eu construí minha dignidade econômica, social e

boa parte da emocional. De um jovem pobre, que carregava sacos de arroz na cabeça com 14 anos de idade e estudou toda sua vida em escola pública, passei a ser professor da rede federal. Não é pouca coisa. Dá pra entender o significado que a UFSC tem na minha trajetória.

Fiquei pensando, então, na associação que costuma ser feita entre a coruja e o conhecimento. Vou a tantos parques, já estive embaixo de tantas árvores, mas foi justamente uma coruja da UFSC que me pinicou. Talvez seja uma boa metáfora.

Eu desejo muitas coisas boas para os meus filhos, Pedro e Arthur. Uma das que mais torço pra acontecer é que um dia também tenham as suas cabezinhas pinicadas pela coruja da UFSC. ☾



Branca, perpétua, cercada

Guilherme Guanabara. (1992 -) Atualmente é Assistente de Procuradoria no MPSC e sonha em se tornar Promotor de Justiça na mesma instituição. É natural de Lages/SC, mas reside há 10 anos na capital do Estado. Acredita que as palavras escritas, embora estáticas no papel ou em uma tela, podem se mover violentamente na cabeça das pessoas e ali, ao se chocarem com outras palavras, aglutinam-se, até em certo momento formarem imagens, cheiros, gostos, sons e sensações táteis, com isso criando juntas um universo próprio no qual só a imaginação atua como limite.

Pedi faz anos que a cor do mármore fosse a de minha pele; no entanto ficou da exata cor dos escassos fios de cabelo que me rodeavam o topo da cabeça. Acertaram, ao menos, na roupa: terno cinza em risca de giz; camisa branca de colarinho de mesma cor; gravata preta. Insisti na vestimenta de trabalho, contudo negaram a toga. A maquiagem, essa sim foi uma boa surpresa! Escondeu as bolsas debaixo dos olhos, fruto de árduas labutas; as maçãs do rosto levemente caídas, em razão da idade; e uma grande papada, que insinuava o meu tamanho à época. Diante de tanta justiça, há que se encher o prato para sustentá-la.

Do meu testamento para o túmulo, o espaço foi o mesmo deste parágrafo.

Lápide de mármore branco, da altura de uma pessoa comum e da largura de três. Ao lado, lê-se: “Lápide perpétua da família de Menezes”. Ao redor de toda ela, um retângulo de grama recém-cortada separado das outras por correntes de plástico entremeadas por suportes de azulejos cinzas. Na placa central da estrutura: “Doutor Desembargador Alfredo Coutinho de Menezes”. É admirável como esse monumento funerário me espelha!

Agora, quero falar sobre o cemitério São Francisco de Assis, local de meu descanso eterno. Venha comigo, sim? O passeio é curto e você ainda dispõe de tempo a perder.

Ao adentra-lo pela rua Pastor William Richard Schisler Filho, mira-se à direita uma casinha amarela e ao redor alguns homens conversando. Todos trabalham aqui, contudo estão de papo fiado, pois não têm muito serviço, nada além de revirar o solo de vez em quando e cortar a grama dos que pagam para tanto. Vá à esquerda para conhecermos a necrópole.

Depois de alguns passos nessa direção, verá o túmulo comentado acima e outros tantos da mesma estirpe, na parte de cima da viela pela qual adentrou. Ao lado da rua, lajes lamentáveis que têm a sua função: por serem baixas, estabelecem uma melhor vista para nós da outra parte. Vista que, ao longo das décadas, piorou, é verdade, porém ainda se vê o resto da cidade a mirar para nós, de canto de olho sim, mas ainda nos veem. O barulho daqui, cruze! Estamos bem perto da Rodovia Admar Gonzaga e a rua que nos cerca é só buzinas e freios, substituindo os antigos barulhos

de chicotes e cascos. Em paz? Parece-me que não. Prossigamos, vá até o final da viela, que é sem saída e, ao voltar por ela, suba à esquerda, tendo bem perto da subida um portal.

Admito, não tive essa ideia dos alemães – um cemitério dentro do cemitério. Quando ultrapassar o portal, notará uma placa avisando que ali é um cemitério alemão. Não precisava, o ar gótico das estátuas e as palavras em língua estrangeira são autoexplicativas. Um espaço reservado até nesta hora seria um bálsamo, não precisando dividi-lo com as milhares de pessoas que estão aqui e ainda as por vir, cercado de mato da altura de um homem adulto. Os alemães são espertos, possuem um espaço exclusivo, com vista privilegiada, até os pássaros disputam o local. Veja e diga-me se o lugar não é o melhor de todos. Pode até sair de costas para admirar por mais tempo a beleza. Suba e vire à direita.

“Vai morte, faz justiça e iguala os mentirosos”, diz uma pichação em um pequeno mausoléu. A placa de ferro em uma lápide nas cercanias replica: “Exemplo de retidão”. Os mortos também sabem se defender. Verifique que há um canto, perto de onde está, em que um paralelepípedo de mais de dois metros de altura se eleva, sendo do comprimento das pessoas que precisam nele abrigar. A frente é uma parede de argamassa em que, de espaço em espaço, você lerá nomes variados escritos a dedo. Não mais os nomes que revelam assinaturas ou sobrenomes impronunciáveis, somente riscos feitos de próprio punho em uma massa cinzenta. Não lhe parece completamente outro local?

Repara enfim como, mesmo depois da morte, não mudamos muito. Transferem-se as moradas e elas continuam as nossas histórias, do ponto no qual paramos. Na lápide, na grama aparada ou alta, nas

estátuas, nas assinaturas, continuamos a mostrar e, dessa forma, a dizer aquilo que fomos em vida: nossas casas, nossos nomes, nossos espaços. Nota que a cidade se repete aqui, cada um no seu devido lugar. ◀



"Cemitério 02".

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis, 2019.



01



02



03



05



04



06

Duas horas novas no agreste

Dennis Radünz. *Escritor e editor, autor do volume de poemas “Ossama: último livro” (2016), entre outros, e mestrando em Literatura na UFSC. Tem ministrado oficinas de criação literária em vários estados brasileiros – Acre, Alagoas, Espírito Santo, Mato Grosso, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Tocantins – e dirige, em Florianópolis, a Editora Nave. A crônica “Duas horas novas no agreste” foi escrita, em 2017, a partir de imagens de celular feitas pelo autor, como exercício dedicado aos participantes de sua oficina realizada em Garanhuns (PE), no circuito “Arte da Palavra: Rede SESC de Leituras”. Poemas e prosas em www.dennisradunz.com*

Toda crônica deveria começar no agreste. Pelo menos a crônica do pau pombo, dos faisões de coleira, do pau ferro e pássaros: esta que para no parque para apreciar, devagar, desenhos do sol nas sombras. No parque Ruber van der Linden, eu decidi que a crônica deveria correr o risco de ser molhada pelo esguicho de irrigação das mudas que faz, aqui, águas repentinas. Mas esta não é uma crônica do bosque no centro de Garanhuns – essa conversa é sobre como provocar crônicas.

Começo uma recolhendo intuições na câmera do celular e esses instantâneos imaginam, primeiro, toda uma história na Avenida Santo Antônio, entre o Palácio Celso Galvão e os dois entregadores de água, nas motos, sentados no primeiro plano; segundo, o flagrante de um chão de folhas em uma tarde baldia no Parque Euclides Dourado, lugar onde a crônica poderia começar com a advertência que há, lá, entre as árvores: “não pise na escultura”; e terceiro, quarto, quinto, posso procurá-la no romance-cordel de Gonzaga de Garanhuns; ou no ‘pixo’ na rua Benigno Lira – “enquanto eles capitalizam a realidade eu socializo meus sonhos” –; ou no casal de casinhas verde-pedra e azul-vermelha. Bastaria eu abrir a porta das casas, socializar os sonhos ou me colocar no lugar das folhas, mas não, essa cidade sempre amadurece, envelhecida pelo relógio de flores.

O ponteiro corre entre plantas e cada hora sofre o acaso de uma vivência de planta: pode que a flor da sétima hora acabe devorada por pequenas pragas, ou que ela seja pisada, ou arrancada, ou mesmo que a seca acabe por estorricar



07

Fotos:

01, 02, 03 e 04 - “Parque Ruber van der Linden”.

05 - “Entregadores de água da avenida Santo Antônio”.

06 - “Relógio de flores”.

07 - “Estátua de José Domingos de Moraes, Praça Mestre Dominginhos”.

uma das horas no relógio-re lento: nunca mais 11 horas, por exemplo, no relógio das flores sem o número 11. Seria a crônica da hora vaga, onze horas em ponto, no subsolo da praça, ou no colo quieto dos que são insetos. E porque tempo é cerne de crônica – gênero cronópio que descende da família do Cronos romano –, eu poderia escrevê-la de ponteiro a ponteiro.

Mas prefiro não. Eu tenho maior simpatia pelas coisas que não acabam em monumento, coisas sem placa oficial e sem assinatura, fora do cartão postal, como os varredores de folhas ou dois carros de som que me atravessam com anúncios de coisas que nunca irei descalçar. Então, escolho caminhar até a lotérica A Sorte e adivinhar, no futuro dos números, horas que ganharei gastando nas ruas que correm do Marco Zero ao desconhecido das colinas ao fundo – para começar.

Por fim, andei pelo desconhecido e a crônica chegou ao Castainho – 9h15min. O mundo seco entre pitombas e cisternas, a comunidade é quilombo de séculos, por onde Geraldo me leva, estrada de terra, em busca de beiju e pé de moleque. Eles têm roças de milho e mandioca e guambo, o feijão de madeira; têm a Festa da Mãe Preta e uma falta de água extrema. Na última casa de taipa, quase escuto os pés ancestrais que, dançando o samba de coco, “pilaram” todo o piso de terra. O líder local se preocupa com o fim da cultura quilombola, “porque o amanhã não é mais meu”. Mas, de casa em casa, o beiju ficará pronto tarde e, depois de falar com José Bernardo, que rala coco, me vou e vejo a cruz de entrada na vida do Castainho com a intuição de que aqui o tempo não segue ponteiros de flores: as horas são áridas e eles vivem, diz Geraldo, “que nem bicicleta: se parar, cai”. Isso provoca uma crônica.

Mas, enquanto andei à procura de crônica, acabei por terminar a do homem que anda, subtropical, animal sulino que desde o começo parou aos pés de Dominginhos (na praça e em estado de estátua) para cantarolar por dentro, sem triângulo e zabumba – “traga-me um copo d’água, tenho sede / e essa sede pode me matar” –, colhendo na voz o contorno da voz do lugar – pronto! – com melodias que são colinas de palavras.

Toda crônica é sensação térmica ou mistura de sentidos – carne de sol com tapioca molhada – e o que essa me provoca são duas horas verdes de nascença recente: hora-castainho + hora-garanhuns. Duas horas novas para quem quiser – como eu – bater o coração a 37 graus Celsius positivos.

Garanhuns, 30 e 31 de março de 2017. ☞

08 - “Casa de taipa na comunidade quilombola Castainho”.

09 - “Pixo na rua Cônego Benigno Lira”.

10 - “Carros de som”.



11 - “Parque Euclides da Cunha”.

12 - “Cruz no Castainho”.

13 - “José”.

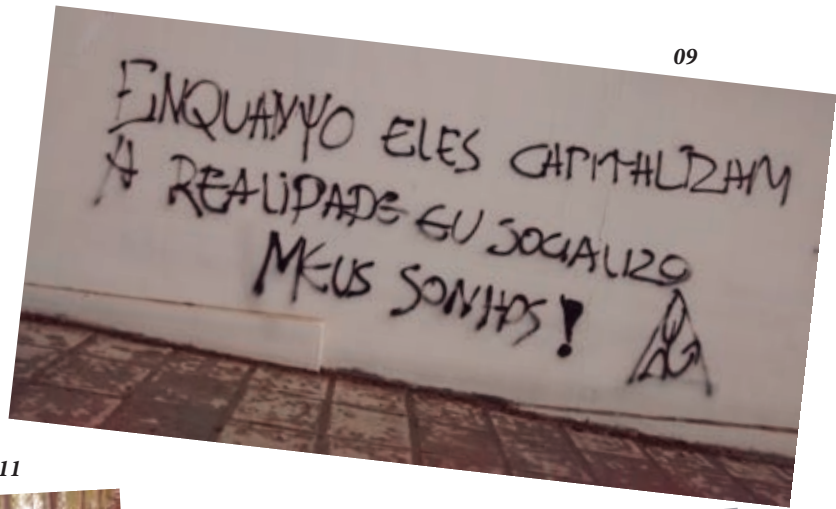
14 - “Casas na Estrada do Flamengo”.

Fotos de Dennis Radünz, Garanhuns-PE, 2017.





08



09



10



11



12



13



14

(re)Descoberta da minha terra natal

Adriana Leal Brum Silva. *Pedagoga. A escrita sempre esteve presente em sua vida, nas brincadeiras de criança, nos diários de adolescente, no meio acadêmico e na formação profissional. Seja para registrar, planejar, pesquisar, expressar emoções, criar e como motivação para fazer outras coisas.*

*“.. Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...”
(Mario Quintana)*

Ao longo dos anos, nos surpreendemos com as transformações que ocorrem nas cidades, principalmente, nas capitais brasileiras. Essas modificações acompanhadas, muitas vezes, pelo aceleração das construções podem refletir em novas formas de produção de trabalho, no consumismo desenfreado, no estilo de vida e na alteração da paisagem.

Diante disso, as mudanças podem imprimir um novo desenho na arquitetura urbana, incorporar novas práticas no cotidiano do brasileiro, como também influenciar nas tendências contemporâneas do modo de vida das pessoas.

Mas apesar dessas transformações nas grandes cidades serem visíveis, com maior ou menor rapidez, o que fica na memória afetiva são as lembranças da infância ou de outro período da vida, da cidade natal.

Então, o que dizer da cidade natal, de quem nasceu em uma capital, que deixou cheiros, cores, sons, sabores e imagens da infância impressos na memória e no coração?

Desse modo, quando retorno à minha cidade de origem, as casas, os armazéns, as praças e os campinhos de futebol dão lugar aos grandes empreendimentos comerciais, aos prédios e à nova roupagem urbana.

No entanto, sinto ainda o coração pulsar forte, a respiração ofegante, os olhos brilharem, as mãos gelarem e um sorriso no rosto quando passeio pela cidade de Porto Alegre.

Assim, a caminhada pelas ruas de Porto (como é chamada carinhosamente a cidade), mais especificamente pelo bairro e arredores onde nasci e cresci, me reporta a lugares e momentos vividos quase cinquenta anos atrás.

A casa na qual reuníamos a família e os amigos em ocasiões especiais. O pão quentinho do fogão a lenha. A peça da casa onde ficavam as máquinas que a minha mãe tecia os ponches de lã e fechava os abrigos quentinhos para mim e para o meu irmão.

Os pintinhos que eram criados dentro de casa para receberem o calor das lâmpadas e assim crescerem fortes e saudáveis.

O pátio da casa, o banho de mangueira e, às vezes, de chuva para aliviar o calor, viravam uma grande brincadeira de criança.

Nas lembranças, chegam ainda a imagem do campinho de futebol em frente à minha casa. Dos fundos dela, observava o vaivém da criançada da primeira escola que frequentei.

Na minha memória afetiva, recorro a escola em que continuei os estudos até os anos finais do Ensino Fundamental; o único clube do bairro em que passava a tarde com o meu irmão nos dias de muito calor; o tradicional restaurante que frequentávamos nos finais de semana; o parque onde passeávamos nos domingos; o primeiro *shopping* construído na cidade, próximo à minha rua. E tantos outros lugares que proporcionaram momentos de lazer, de felicidade, de vivência, de autonomia e de descoberta junto com a família e com os amigos.

E cada um desses lugares e momentos têm uma história para contar (e ouvir) da minha vida; têm marcas do novo (e do velho), bem como daquilo que passou e se transformou com as mudanças provocadas pelo homem.

Assim, no meio a muitas transformações, vejo que a antiga (e nova) Porto Alegre carrega, ainda, a essência do “ser” gaúcho: seja no vocabulário singular, no hábito de “tomar” chimarrão, no vestir a “bombacha” ou, simplesmente, no entretenimento de caminhar no Parque da Redenção em dias ensolarados e aproveitar o frio gelado.

Essas tradições gaúchas não fazem mais parte da minha prática cultural, pois o jogo da vida fez com que movêssemos as peças para outras terras, como se tivéssemos que nos defender de nossos oponentes (reais e imagináveis). Isso fez com que a minha família mudasse de estado, mesmo sem entender o que na realidade estava acontecendo, ainda imersa nas fantasias e medos do novo.

Mas, sem dúvida, a identidade que carrego na alma é de ser porto alegreense, apesar de hoje ter “escolhido” a capital catarinense para consolidar (e sonhar) novos projetos de vida.

Tudo isso faz eu recordar com saudades a minha infância vivida no Rio Grande

do Sul. Período em que firmei laços de amizade, vivenciei a inocência das descobertas e vislumbrei sonhos para a vida.

A saudade (e a lembrança) que eu sinto da cidade em que nasci, não remete à tristeza, mas ao orgulho, à alegria e à motivação por poder contar (e escrever) sobre os quase quinze anos em que vivi na capital gaúcha; em que pude acompanhar pequenas transformações, mas que, para a época, já representavam mudanças gigantescas e significativas, tanto para o futuro da capital, como para uma menina que entrava na adolescência.

Quando menciono que a saudade de Porto Alegre não é um sentimento de tristeza, lembro-me (e preciso ressaltar neste momento) das palavras de Cortella (2016) a respeito do significado da palavra saudade, quando diz que “Saudade é aquilo que nos deixa saudáveis, isto é, que permite que a gente faça uma saudação, uma boa lembrança daquilo que já foi e que a gente gosta de fazer passar de novo pelo coração”.

Então, hoje, quando volto à minha cidade natal, vislumbro outras transformações que podem reverberar no modo de viver do cidadão gaúcho, do imigrante, do turista e, em mim, que (re)visito Porto Alegre com outros olhos. Isso sem perder a essência de “VER” a capital gaúcha com a lembrança de quem passou a infância nestas terras do rio grandense - do sul, e na certeza de que não sou a única a (re)viver e escrever sobre sua amada terra natal.

Que a minha lembrança (e escrita) possa rememorar de forma positiva em todos corações saudosos e felizes da sua querência querida!!! ☾

Divagando sobre rodas

Nicolas Medina. (1993 -) Ator, dublador, roteirista e escritor. Sempre considerou sua criatividade seu ponto mais forte. Isso, somado à sua facilidade e apreço por criar histórias, motivou a escrever seu tão sonhado livro. Suas principais inspirações são as obras orientais e os videogames. Seus livros preferidos são Harry Potter e Diário de uma garota nada popular, e sua editora favorita é a DarkSide Books.

Tenho quase trinta anos e ainda ando de bução... “Porque não tira a carteira e compra um carro?” Você deve estar pensando. Simples: Por causa dos meus devaneios!

Tenho devaneios desde pequeno, talvez por nunca ter sido de muitos amigos (sou assim até hoje), e por conta disso, acabo tendo alguns “apagões”. E isso acontece até quando estou andando de bicicleta e, inclusive, caminhando. Então, imagina se eu estivesse dirigindo... Sem contar o fato de que um carro é muito chato de cuidar; prefiro muito mais ter um gato.

Mas é graças aos meus devaneios que consigo criar minhas histórias e meus personagens. Criei até mesmo um universo. Acredite se quiser. Se você já assistiu ao “Fantástico mundo de Bob”, sabe do que estou falando. Minha psicóloga vive pegando no meu pé por causa disso, mas sinceramente, não dou a mínima!

E qual é o melhor lugar pra se fazer uma “viagem” maluca sem ser em casa? Em um ônibus, é claro. Minhas viagens são meio longas, e como não gosto de ficar mexendo no celular, ou ouvindo música nesse ambiente, os sonhos vêm a calhar.

E já andei em cada lugar na minha cabeça; e já criei cada indivíduo... que vou lhe contar, hein?... Mas acho que nada vai superar a história de que

híbridos de pessoas com animais e plantas passaram a conviver com os humanos depois que um meteoro caiu...

E sem dúvidas, o protagonista é a melhor parte: O “super-herói” Pervert, o destruidor da luxúria. O herói que combate a luxúria com mais luxúria. Acho melhor parar por aqui... Pelo menos por enquanto.

Mas eu sei que você está louco pra saber sobre as minhas desventuras nos ônibus, certo? Pois bem, sinto lhe desapontar, mas nada demais aconteceu. Nem nos ônibus daqui ou das outras cidades em que morei.

Quase nada acontece na minha vida monótona. Tirando uma vez em que um moleque me atirou um picolé de uva... Não intencionalmente pelo menos. Ou quando está um calor terrível e eu fico suando feito porco na praia sem filtro solar. Quando o ônibus está lotado, a situação piora muito mais.

Mas enfim, estou andando de busão quase todos os dias. Vamos ver se algo interessante vai acontecer. Só espero que não seja nada de ruim, como aquele caso do homem gordo que ficou entalado na roleta do ônibus, e os bombeiros tiveram que ser chamados... E, infelizmente, sou gordo. :(☹



"Divagando".

Foto de Caroline García. Buenos Aires-Arg. 2019.

Pedaleando por los sueños ANDA LA...

“Fim”.

Foto de Mara Fernanda.

Florianópolis/SC, 2015.



Crisálida

Thaís Zanluchi. (1985-) *Sempre gostou de ler, escrever e cresceu rodeada de livros! Atualmente, estuda Letras português, apesar de ser administradora e atuar em sua profissão. Seus textos sempre foram muito objetivos, mas depois de adulta sentiu a necessidade de explorar outras formas de escrita, aventurando-se na escrita literária, em pequenos contos e crônicas.*

Tal qual a crisálida, ela entrou no ônibus, naquele dia de inverno, discreta, quieta e com uma carapaça a cingir-lhe o semblante. Para disfarçar sua presença, andava com os longos cabelos loiros e cacheados a cobrir olhos e bochechas, seguindo o corredor apertado com a cabeça meio baixa, fones nos ouvidos e passo acelerado, buscando desesperadamente um lugar para sentar-se.

Sem saber ao certo o porquê, não pude desviar meus olhos de seu corpo esguio, quase desengonçado, movendo-se de forma tão invisível a grande parte dos passageiros.

E esta rotina seguiu-se dia após dia. Mas, da mesma forma que a crisálida foi tomando forma, pouco a pouco, a inocência foi esvanecendo e aquele ser jovem cheio de rubor, por simplesmente estar ali, foi amadurecendo.

Meses após a primeira viagem, ela começou a mudar. Os cabelos que escondiam seu rosto, agora se arranjavam lindamente em longas tranças, trazendo luz para as faces rosadas e para os grandes olhos, que já nem tentavam mais se esconder. Talvez até fosse pelo leve toque de maquiagem, mas penso ainda que era a crisálida tomando forma, preparando-se para o próximo passo.

E, de repente, após longos meses de pequenas mudanças, a coragem atingiu seu ápice, sucumbiu ao instinto. E, depois de investir-se de cores, formas, perfumes e expressões, a doce crisálida, tão distante e tímida no primeiro dia, deixou aproximar meu olhar ao seu e deu chance para que a borboleta rompesse o casulo e desse seu primeiro voo, para vir pousar bem ao meu lado. ☾



“Pescando palavras”.
Foto de Cyntia Silva.
Florianópolis/SC, 2016.

Juramento

Elvira. 64 anos, é mineira de Mutum - terra de Guimarães Rosa. É mãe de três filhos, dedicada ao trabalho, sempre ajudou os irmãos. Gosta de costurar, transformando seus tecidos em peças únicas, da mesma forma que tem exercitado a costura de seu sentir em textos.

25/05/2019

08/08/2019

“Caso a mulher não queira seguir-te, ficarás desobrigado de teu juramento.”

Data antiga, letras antigas, frases antigas.

Fico imaginando como poderia atualizar: j-u-r-a-m-e-n-t-o= 9 letras.

Não sei se as mantenho como estão, ou se as embaralho. Se eu as embaralhar, será que se tornam outra(s) palavra(s), frase ou ideia(s)? Talvez sim, talvez não. Nem mesmo a data de hoje eu sei ao certo. Como irei saber ao certo sobre letras, frases e ideias?

Tudo é muito relativo, e eu nem li o livro sobre a relatividade. Li tantos livros que talvez seja melhor escrever um e ler o mesmo sempre. Chegará um dia que irei sabê-lo de cor e salteado. De frente para trás e de trás para frente; tudo bem entendido. Isso se eu não me enjoar de mim mesma, no livro ou através dele.

Olho o gato bem deitado aos pés da minha cama, dormindo, enquanto escrevo estas ideias. Parece ele... tranquilo.

Olho o que está escrito lá em cima no cabeçalho desta página: o que quer aquilo dizer, explicar?

Agora sim, a data atual, de hoje.

Vou deixar o passado onde ele está.

O momento presente é bem melhor, mais prazeroso.

“Prazer misturado com amor, nada pode ser melhor, nada pode ser melhor”... (letra de música que escutei ao vivo e... no rádio muitas vezes depois.

Ainda bem que sei de quem se trata. Ouço a música, ligo minhas lembranças às imagens do show ao vivo que presenciei.

Escrevo me lembrando das imagens da Cyntia Silva em sala de aula, explicando sobre a Produção Textual. Semana após semana, com paciência, amor, carinho e dedicação cheia de detalhes. Será que escrevi detalhes ou letras suficientes para aquelas aulas?

Talvez sim, talvez não. Mas ela mereceu consideração. Melhor será eu escrever mais vezes e ela ler, entender-me na escrita. E se entender melhor, corrigir e completar. Assim, meu curso de produção textual será e terá alguns textos.

Estou, atualmente, escrevendo. Melhor colocar algumas letras para ser mesmo um texto! ☺

Uma crônica coloquial

Fred Montojos. (1981 -) - *É um curioso compulsivo, egôlatra em tratamento e deslumbrado com o que percebe como beleza. Nunca teve um escrito publicado, apesar de escrever desde criança e acha encantador o futuro da humanidade depender também da vida das abelhas.*

Daí eu tava olhando a sessão de DVDs, que, claro, vazia. Absolutamente. Que acabou mesmo esse lance de colecionar os filmes assim. Mas eu lembro de VHS e tem gente que vai ter que buscar pra saber o que é. Tava pensando num filme pra ver se tinha. Porque não acho em lugar nenhum *online*. Não acho, cara. Bosta!

E pior, não lembro direito o nome. Tem aquele ator da cena da manteiga, que deu merda depois que ele já tinha morrido. O bonitão dos anos cinquenta ou sessenta. Um dos 007. Não, esse é o pai do Indiana Jones. Sou muito ruim com nomes. Tá, mas o filme tinha uma pegada *Noir*, uma reflexão sobre o fim da vida e as relações entre amizades verdadeiras. Marlon Brando! Caralho, achei que nunca ia lembrar. Então, esse cara era foda. Puta ator! E aí achei o filme. Só que tava na mão daquele bostinha. Nada a ver chamar de bostinha. Nem tinha pêlo na cara ainda. Na verdade, só pensei, claro. Só tava frustrado com o filme mesmo. Mas na hora deu raiva. Daí perguntei meio com ar de sério, de adulto. “E esse filme aí? Tu conhece, já viu?” Bosta, já chegar assim. Nem dei oi pro moleque. Um cara de quase quarenta chega assim do nada. Sessão vazia. Tá

doido. Hoje em dia, nem fodendo. “É pra minha mãe. Fala com ela, de repente ela abre mão desse.” Porra! Óbvio que eu queria o filme. Patético! Mas tá, fui falar com a mãe do garoto, que tava do outro lado da loja. Acho que eu tomei muito café, tá doído. Meu estômago daqui a pouco reclama. Mas daí a mãe. Ela tava escolhendo shampoo. Abaixada. Sei lá, fiquei sem graça. “Máaaae, o cara quer o filme.” “Que cara, Rodrigo? Pega um chocolate lá pra gente.”

Mas aí ela levantou e me viu ali parado. Olhando pra bunda dela. Quer dizer, agora pro rosto. É que ela tava abaixada e virada, dá pra entender, né? Então ficou bem surpresa e com um pouco de medo, acho. Nesse ponto devo dizer que sou um pouco bruto, no sentido de quem me olha assim sem me conhecer. Mas eu logo falei que tava procurando fazia um tempo o filme e que podia fazer uma cópia e tal.

Aí ela fez uma pergunta estranha. Pelo menos pra mim, naquele contexto. Olhou desafiadora. “Porque você gosta tanto desse filme?”. Depois ela disse que a resposta fez com que quisesse me conhecer melhor. Mas eu não lembro qual foi. Lembro dos olhos dela e do sorriso que parecia de verdade. Eu tive a sensação de que algo estranho acontecia. Como uma presença quando a gente tava junto.

Ela me fez lembrar de mim, de que tava faltando olhar para isso. A presença, depois eu percebi, era eu mesmo. Um eu que fui descobrindo mais e mais.

Tem dois anos que a gente não se vê. O moleque às vezes aparece e a gente vê um filme ou joga videogame. Mas eu aprendi isso aí, e sério, agradeço pacaraio o Sean Connery. Puta ator. ☪



“Callejando”.

Foto de Caroline Garcia. Barcelona-ES, 2018.

És bonita

Anderson Rodrigo.

38 anos, é músico por teimosia, míope por desgraça, professor por opção.

“Ah!, então eu não sou linda?”, me disse e abriu o sorriso devagar, à medida em que as palavras saíam. O tempo parou pra mim, me perdi naqueles olhos escuros, cheguei a pensar que eu seria uma das personagens de Clarice e teria minha epifania naquele momento, algo que me sacasse para fora daquele instante. E tive.

Enquanto, em piloto automático, eu explicava a diferença entre “bonita” e “linda” ao meu modo de ver, fui ao meu passado, revivi beijos de outras mulheres, algumas lindas, outras nem tanto, teve aquela que nem me beijar queria, a baixinha na ponta dos pés, a que me deixa de quatro, a que beijava rápido. Mas *bonita*? Só ela, que estava na minha frente agora.

Eu ainda estava no meu passado, então a cena corria devagar no presente, ela passou a mecha em cacho para atrás da orelha, entre um novo sorriso, quis saber por que não era linda, mas somente bonita. Como alguém que acabara de dar um argumento irrefutável ou fizesse uma pergunta sem resposta, ela jogou os olhos pro lado sem mexer a cabeça e deu mais um gole no café. Cociei a minha cabeça, também dei um gole no meu café, pensei e a encarei de novo.

Ela subiu as sobrancelhas, moveu a cabeça rapidamente como quem cobra, como quem diz “e aí?” E sorriu de novo. Para mim, estava muito claro o que eu iria dizer, não era uma cantada barata, longe disso, porque eu realmente acho que ela é bonita, e que ser bonita é ser mais do que linda. A Vitória da Samotrácia é linda, a obra *Os raspadores de assoalho*, de Caillebotte, é linda, a música *Pela luz dos olhos teus* é linda, mas tu, mulher, que me encaras agora, depois de mais de três horas de conversa num café, nesse nosso primeiro encontro, tu és bonita. Pensei, porém não disse. Soltei um sorriso, passei a mão na barba, olhei para cima movendo o corpo para trás na cadeira, voltei a encará-la e disse: “És bonita”.

Tocamos as mãos sobre a mesa, ela sorriu e logo me deu um “Tá!”, muito descontente com a falta de minha definição sobre ser bonita e linda.

Bo.ni.ta

1. Número par de letras, ou seja, fica implícita a ideia de que só deve ser usada para quem encontra e para quem é *bonita*. Não cabem mais pessoas.
2. Pronunciada, começamos pelo *bo*, temos as bochechas prontas para soltar um beijinho, um leve “biquinho”, depois a língua que briga e esbarra nos dentes com o *ni*, como se procurasse outra para se esfregar e termina no libertador *ta*. Esse último fonema é o filho recém-nascido do grito, serve para convencer aos berros.
3. Somente usada em momentos raros e dentro de vocabulários ainda mais parnasianos, porém fácil de escrever e ser pronunciada por qualquer falante da Terra.
4. És bonita.☪

“La milonga”.

Foto de Caroline Garcia. Buenos Aires, 2019.



“Gatos”.

Foto de Caroline Garcia. Cabo Polônio/Uruguai - 2019.

A caçada do Gato

Larissa Fionda. 27 anos, é natural de Florianópolis e pode ser facilmente encontrada com a cara enfiada em algum livro. Vive com milhares de fragmentos de histórias girando dentro de sua mente, coletando-os e moldando-os, pedaço por pedaço, para dar forma a todas as histórias que deseja contar.

Corro sobre o telhado de incontáveis casas sob o céu noturno, acompanhado pela luz das estrelas, enquanto vago pela cidade com suas luzes brilhando de baixo de minhas garras, fazendo parecer que corro entre dois céus estrelados. Mas nenhuma dessas luzes brilha tanto quanto a que eu procuro.

Eu pulo um, dois, três telhados. Eu corro através de varandas e sobre cercas.

Eu paro. Eu acelero. Eu deixo meus instintos me guiarem até meu objetivo.

Estico minhas patas, correndo e saltando com toda a flexibilidade que apenas um felino é capaz de ter. Livre. Selvagem. Divertido.

Meus olhos observadores passeiam pelas silenciosas ruas procurando por aquele único ponto de luz em meio a uma caçada incansável.

Então, quando uma nuvem se move através do céu, e a luz da lua se faz presente, eu a encontro. Uma pequenina luz a distância, mas que aos meus olhos brilha mais do que qualquer estrela sobre minha cabeça. Mais até do que a própria lua.

Eu estou em casa. ◀

Alho e Óleo

Ricardo Faion. *Nasceu em Florianópolis/SC, em 1992. Artista visual formado pela UDESC, atualmente realiza bacharelado em Direito pela UNISUL. Amante da filosofia e da literatura, dedica-se à escrita de contos, disponíveis em www.ricardo-faion.com.br*

Restava ainda a louça para terminar de lavar. Sentia ausência no ambiente. O trabalho o levou a exaustão. Mandou todos para casa. Apenas, o cigarro e o negrone o acompanhavam.

Mirava, da porta dos fundos, a lua entre os arranhas céus que encostavam na penumbra da noite.

As cinzas contaminam o chão. O amargor desce pela garganta. Toques na perna interrompem sua contemplação. O cachorro late. O que foi? Fome? Indaga o cozinheiro. Medalhão selado ao molho brie com aspargos para acompanhar. O prato no asfalto. É o que sobrou na cozinha! Ele tenta se desculpar. Os aspargos são deixados de lado.

As pessoas pagam caro para comer essa comida, amigo! A noite faz suar. O gelo derrete. A bebida já chega quente à boca. O cachorro mastiga incessantemente.

Escuta o telefone ainda tocando, mas, em verdade, não estava.

Chef é para o senhor. Quem é? Mulher, não disse o nome. Os dedos enrolam o fio. Alô?! Uma voz amanteigada simplesmente diz: acabou! Não havia mais pimenta, sal ou canela para cozinhar. O outro lado da linha atravessava o atlântico. Agora, desaparecera.

Chef, falta o tempero do macarrão! A cozinha chama.

O cachorro late. A ponta do nariz molha copo e mão do cozinheiro. Você quer? Pergunta depois de exalar a sobra do trago do cigarro. O latido responde. O copo é servido no chão.

A áspera língua encontra o vidro e suga o líquido.

Amargo, não? O cachorro não cessa a degustação.

Onze anos? Dez? Esse é o seu tempo de vida? Tempo para se esgueirar nas vielas, comer as sobras, latir para a lua, correr atrás de carros que não podes alcançar, onze anos, não?! O cachorro termina. Apenas os aspargos ainda restam no prato. Continua pedindo com os olhos.

As últimas cinzas de cigarro vão ao chão. Brasas na parede. Bituca no ar.

Não tenho mais nada, amigo. As mãos do homem estão vazias. O cachorro abocanha os aspargos e se vai cambaleando até atravessar a esquina no final da rua, não se volta para ver o *Chef*, de cócoras, lacrimejar à luz do luar. ☾




“À luz do luar”.
Foto de Ricardo Faion. Florianópolis/SC - 2018.

Resenha

Pequenas felicidades trans

HQ narra a dor e a delícia do processo de transição de gênero da autora Alice Pereira

Piu Gomes. Cineasta e jornalista, formado pela Universidade de Brasília, nasceu em 1965.
Contar histórias é seu ofício e seu deleite.

 Quando a pergunta é feita, ela a repete: “Quem é Alice?”. Dá um pequeno sorriso e retruca: “Cada um deve ter uma resposta”. Como a procurar a sua, faz uma pausa, se emociona e diz: “Alice é uma pessoa tímida, sonhadora, que, apesar de todas as coisas, acredita que a gente pode ter um mundo melhor, uma vida melhor”. Alice é Alice Pereira, autora de **“Pequenas Felicidades Trans”**, *graphic novel* em que conta, em forma de diário, como foi sua transição de gênero. O livro é uma edição independente, financiada através de campanha de financiamento coletivo.

A história parte de uma entrevista, onde em tom confessional e singelo ela conta sua trajetória. À infância solitária, fruto da criação em um sistema de gênero, quando já afirmava sua vontade de ser menina, se segue uma adolescência confusa, onde os desejos sexuais se inclinavam para... meninas!, e tocar outros corpos femininos era imaginar como deveria ser o próprio corpo.

Já adulta, Alice passa por dois relacionamentos que descreve como “heterossexuais, para quem via de fora. Para mim eram homossexuais, por me sentir uma mulher casada com outra mulher”. Mas o fato de não se entender com o próprio corpo a levava a um desinteresse pelo sexo, o que implicou no fracasso das relações. Ao fim do segundo casamento,

decidiu que só havia uma solução: se revelar trans ao mundo.

Isso significava enfrentar vários medos: de contar para a família e ser abandonada; de viver longe de todos; de se prostituir; de ser obrigada a se relacionar com homens; de não ter uma companheira e nunca viver um amor. Como resume Alice, o maior medo decorrente de uma revelação desse tipo se traduz na palavra solidão. Mas como ela já disse acreditar numa vida melhor, seguiu em frente e enfrentou os desafios.

A primeira pessoa para quem contou foi um amigo que vivia em outra cidade, e a reação de apoio dele a encorajou a conversar com sua família. Primeiro com a irmã e depois com a mãe, que, depois da surpresa inicial, repetiu o que Alice já havia escutado da mana: “O que importa é você ser feliz”. A partir daí, foi conversando com os outros parentes, que aceitaram sem problemas sua condição. Ampliou o círculo para os amigos, que a acolheram mas fizeram uma pergunta delicada: por que você é assim?

Para Alice, quem é trans é assim e pronto. Aceitar isso é aceitar que é impossível viver uma mentira, e por isso decidir pela transição. E ouvir “você tem certeza que vai fazer?” é doloroso, porque quem decidiu se perguntou a mesma coisa várias vezes e

a dúvida que resta é se terá forças para enfrentar o processo. Afinal, os obstáculos continuam: o preconceito, a falta de espaço no mercado de trabalho, o difícil acesso aos serviços básicos (saúde e justiça, principalmente) e o medo maior que não se vai: a solidão, o receio de não ter o afeto do outro.

E agora vêm também as dificuldades inerentes ao processo, como a parte médica, os hormônios, a dúvida sobre fazer ou não cirurgia... Alice esclarece que “ser trans é uma questão de identidade, e os procedimentos médicos não são necessários para ninguém se assumir. Às vezes, porém, modificações corporais são relevantes, o que pode levar à terapias hormonais por conta própria e à cirurgias clandestinas. E muitos morrem por isso”.

Para ela, a transição mental é mais importante que a física. É necessário parar de se reprimir, assumir os gestos e as emoções. É isso o que faz, no seu traço simples e colorido e na diagramação clássica, onde

quadrinhos que assumem o requadro alternam com leveza primeiros planos e cenas abertas, com diálogos precisos e narração poética em primeira pessoa. Por esse olhar vemos situações cotidianas como abrir as cortinas da sala, ir à praia de biquíni, a primeira noite na balada, se olhar no espelho e finalmente se reconhecer.

Alice pediu demissão de seu antigo emprego quando iniciou o processo de transição, o que a livrou de “uma profissão machista em um ambiente machista”. Isso a levou a se assumir como artista: ela é música e toca na banda Virótica, o que a levou a ser personagem da série “Som da Rua”, uma produção da Tv Zero que estreará em breve no Canal Curta. No episódio, ela conta parte da sua história entremeadada de performances da banda. Quanto aos quadrinhos, a falta de representatividade trans na arte, onde pessoas cisgenêras assumem a narrativa, a levou a escrever o livro, onde não faltam críticas ácidas, como na seção “Coisas que a Gente Escuta”.

ou informações necessárias, em “Pequeno Dicionário Trans”.

Para escapar das distorções e estereótipos, Alice lançou o livro, que para ela é “a história de uma pessoa trans contada por uma pessoa trans. Hoje eu sou uma pessoa mais livre, que realizou seu maior sonho: ser eu mesma”. Pequenas felicidades trans. ☪



Pequenas Felicidades Trans
de Alice Pereira
Ed. Lobo.
Contato:
alicepereira.iluria.com

Poemas



“Candombe”.

Foto de Caroline Garcia. Montevidéo/Uruguai, 2019.

Aline Maciel. (1983 -) é contadora de histórias, musicista e escritora. É mestre em Letras e Literatura Inglesa. Há 10 anos trabalha profissionalmente com a narração de histórias, apresentando espetáculos e ministrando oficinas e formações para adultos e crianças. É integrante da Cia Mafagafos, onde desenvolve trabalho de pesquisa e narração de histórias com músicas. Também participa do projeto autoral de música para crianças “O Carro da Sopa”.

I.

Ela só quer dança

Voar livre

Sonhar criança

- a vida manda produzir -

Ela só quer ser fala

Criar mundos

No quarto-sala

- a vida insiste em insistir -

Ela só quer mexer

Pés, pelve

Cair, mover

- a vida manda contrair -

Ela só quer bem simples

Cadeira, meia

Tigela, clipes

- a vida insiste no assunto -

Ela não pára um minuto

E dança louca o mundo

Dela

2.

Peguei você no flagra

Tentando me convencer

Que a culpa era minha

Eu demorei pra ver

Mas vi e faço questão

De em praça pública, sem dó

Propagar a enganação

Que me deixou em meio ao pó

Levanto a saia, desamasso

Olho pras outras, em perigo

Andamos juntas, passo a passo

Agora é tarde, meu querido

Teu abraço não nos cabe mais

Quem quer contenção

Não sabe o que faz

Corre o risco de ser riscado

Tatuado um “para sempre” na pele

Por quem já suportou demais

Pode ir, não se despeça

Fuja, suma da minha cabeça

Quem sabe um dia, com pressa

Você tropece na própria existência

3.

a mão que molda
o barro
não se molda
assim
tão fácil.

a mão que molda
a vida
não se molda
assim
no acaso.

a mão que molda
é livre.

a vida,
uma f(r)ase.

4.

A pausa de um pensamento
Como se entrega a um momento
O instante em que concebeu
O minuto que transcendeu

A espera do crescimento
A sorte jogada ao vento
O grito que, vai ver, doeu
O colo em que adormeceu

Os meses de descobrimento
Irmão e irmã querendo tempo
O afago, a dor, o breu
Eu, você, nós e deus

Os dias correndo dentro
Centímetro, metro a metro
Correu, pousou, voou pro céu
Caminho lindo que floresceu

Ontem, amanhã, hoje, perto
Outro dia, outra hora, decerto
Lembranças do todo teu:
O dia em que você nasceu ☪



"Folhas escarlates".

Foto de Cyntia Silva. Chicago/EUA - 2019.

Bruna Barreto. (1996-). *Mulher, negra e lésbica, como faz questão de ressaltar, é paulista de Jundiaí, onde morou até 2015, quando mudou-se para Florianópolis. Escreve poemas desde muito cedo. Recitou em público pela primeira vez em agosto de 2017, no 13º Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero 11, e nunca mais parou, chegando aos palcos do global Sofar Sounds. Em 2019 publicou o livro Nossa Poesia pela Editora Insular.*

Meu amor de carnaval

Para Louise

Entre ruas e vielas, Nas portelas, Carnaval.	E pousa em meu peito, Feito noite estrelada. Em meus sonhos, Fez morada, Em minha vida carnaval. Que escarcéu!
É de samba, Gafeira. És meu bem, E és meu mal. E me toca, Como toca um berimbau.	O choro é livre, E livre sou. O choro é livre, E livre vou.
E faz a festa, Escorre suor, Pela testa.	O choro é livre, E eu também, mas se voou livre.
Esse amor, Que não tem asas, E voa.	Com ela, Não tem artista que pinte a tela, Desse nosso carnaval.
Dança na chuva, E o tempo corre, E passa devagar.	

Dandara

Te fiz espelho,
Onde me enxergo.
Tua história,
Me lembra a minha,
Tua cor também.

Quando pensares que não tem ninguém,
Olhe os preto,
A tua volta,
Os racistas se revolta,
E a gente nem aí.

A preta é foda,
E fala mesmo,
E se ontem,
Eu tinha medo,
Hoje,
Sou só coragem,
Boto fogo nas carruagens e na casa grande.

Me fizeram pequena,
Mas eu,
Me fiz grande.

E canta, Dandara!
Canta!
Mostra tua ancestralidade,
Não dá chance pros covardes,
Tua força,
Me invade,
E sigo na luta.

Se o chicote todo dia em nós estrala,
É porque a senzala ainda está presente,
Mas se antes só eu quebrava a cara,
Agora,
Lhe quebro os dente.
E é evidente,
Que eles têm medo de preta com voz.

Tentaram e tentaram,
Mas nada nos cala,
Se pedirem silêncio,
É aí que nós fala.

Nossa luta não é à toa,
Não me manda ficar de boa,
Cêis mataram nossos reis,
Pra ficar com as coroa.

O mundo dá voltas,
Antes quem te chamava de “sinhora e sinhô”,
Agora,
É chamada de doutora e doutor.

Preto já é um perigo,
Imagina estudado.
Cidadão de bem,
Fica chocado,
Quer treta,
Mas a minha pele preta,
Me dá coragem.

Negra,
Muita força,
Muito axé,

Os preto levanta,
E te aplaude de pé.

Se o mundo muito racista é,
Tenho certeza,
Que você é muito,
Mas muito mais
MULHER! ♣

"Costurando o arco-íris".

Foto de Cyntia Silva.

Newseum, Washington-DC/EUA - 2019.

Spurred on by Harvey Milk in 1978, Gilbert Baker, a self-styled "gay Betty Ross," created the **RAINBOW FLAG**, a new international symbol of gay pride. The flag originally had eight colors, but turquoise and pink dyes were hard to mass-produce at the time. Today's flag has six stripes. This version of the eight-color flag was signed by Baker at the top.



Artist Gilbert Baker used this **SEWING MACHINE** to craft the first rainbow flag. Before the flag, the pink triangle was the symbol of the gay liberation movement.

Vergílio J. Padilha. *Nasceu em Caçador-SC, no dia 01 de dezembro de 1980. No ano de 1999, mudou-se para Lages-SC, onde concluiu o Ensino Médio e formou-se como Cabeleireiro em 2001. Atualmente, mora em Florianópolis-SC, desde 2003, onde trabalha e estuda. Em 2018, iniciou graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literatura, na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).*

Fogos Fugazes

Esse é o tal ignóbil soldado
Pintado de verde e amarelo
Pensa estar predestinado
Mas o vidro é seu castelo

Machista, sexista e racista
Faz o seu discurso de ódio
Valida o devaneio fascista
Em sua chegada no pódio

Com fogos, festa e alegria
Os cegos se engrandecem
Dessa nossa fatual distopia

E diante dessa iminência
De tempos que padecem
Seremos todos resistência ☪



“Você tem fome de quê?”.

Foto de Simone Dalcim.

Santo Amaro da Imperatriz/SC- 2019.

Patrícia Galelli. (1988 -) *Escritora e artista. Mestre em Artes Visuais. Publicou os livros “Carne falsa” (Editora da Casa, 2013), “Cabeça de José” (Editora Nave, 2014), “Gávea” (selo Formas Breves/e-galáxia, 2014) e o livro de artista “Um bicho que” (Miríade Edições).*

último farelo de humor

éramos o dentro de um cômodo comido por cupins
- nossa sala nossa saída nossa vida
no dentro de um móvel.

éramos george brecht
e cumpríamos as instruções
como no dentro da parede as formigas forram de farelos de pão as despensas de
fundo de tijolo.

éramos yoko ono
e cumpríamos as instruções como no dentro do armário os insetos de boca grande
comem a madeira mole.

carpe diem. sem despensa. sem acúmulo. sem medo.

todos os passos de dança na dança de uma vida.
maciunas toca piano quando éramos martelo.
éramos farelo de madeira quando martelo nos tocava.
éramos quem tocava martelo e marteladas na madeira enquanto insetos de boca
grande comiam madeira mole.

há terror no humor atual. há humor no terror anual. há horror no amor mensal. há
amor no horror semanal. há terror humor amor horror.

éramos formiga-cupim.
espécime que éramos no aterro, amontoados para queimar.

éramos tão pequenos
ninguém via
ninguém levava a sério

e a cozinha veio abaixo
porque engolimos
um
último farelo. ☹



“Insustentável leveza”.

Foto de Simone Dalcim.

Santo Amaro da Imperatriz/SC- 2013.

Dalton Barros. *Nasceu no Rio de Janeiro, em 1949. Desde a adolescência dedicou-se à poesia e bem mais tarde, por sugestão de um neto que ouvia suas histórias, começou a escrever crônicas. Publicou o livro Crônicas de um avô aventureiro em 2014, mesmo ano em que participou da Oficina da Palavra, para aprimorar sua escrita. Morou em Florianópolis entre 2010 e 2017. Atualmente mora em Santiago, RS.*

Poesia definitiva

Alma inquieta
como se fosse poeta
procurando palavras certas
que exprimam na poesia
a dor de todo dia
de feridas não abertas.

Se dor é inspiração
o poeta abre mão
de nas palavras se expor.
Sente falta da poesia leve,
que há tempo não escreve;
uma poesia de amor.

O poeta sente medo,
- isso não é segredo-
não da morte, mas de sofrer.
Que seja uma morte calma,
a mais linda poesia que a alma
um dia vai escrever.

Metade

Parte de mim ri dos meus feitos,
a outra parte chora com meus defeitos;
parte de mim faz galhofa e acha graça,
a outra parte esquece e disfarça;
parte de mim se diverte à luz do dia,
a outra parte vê a noite com agonia,
parte de mim não vê e não escuta,
a outra parte não liga e vai à luta;
parte de mim tem medo do futuro,
a outra parte busca um porto seguro;
parte de mim traça planos e segue um rumo,
a outra parte desequilibra e perde o prumo;
parte de mim realiza o que eu proponho,
a outra parte só vive de sonho;
parte de mim é amada e no amor se atira,
a outra parte aborrece e provoca ira;
parte de mim é só saudade,
a outra parte é apenas metade. ¶



“Fé”.

Foto de Caroline Garcia.

Santiago/Chile- 2019.

José Maia e Silva. *Nasceu em Pendências/RN, em 1935. Viveu grande parte de sua vida no Rio de Janeiro e mora hoje em Natal, capital potiguar. Filho de “Vô Mundinho” (poema publicado em Texturas 01), de quem herdou a bonomia e a religiosidade. Sempre gostou de declamar poemas em voz alta, carregando a musicalidade da cultura nordestina.*

Hoje eu quero agradecer
Em vez de só pedir
Lamentar não é preciso
Esquecer é impossível
Nosso amor é muito grande
À deus, por existirmos

A propósito, assim disse o poeta,
falando francamente, você pode, você deve
seja jovem eternamente

A idade não se conta pelos anos que se tem
Só é velho, assim penso, quem não deve pra ninguém
Porque dessa vida só se leva o que vai na nossa mente
não adianta se apegar e perder tudo de repente

Viva a vida que quiser na perfeita liberdade
Mas em tudo que fizer, seja forte de verdade

Cansei de viver triste
Agora sou feliz
não mais vivendo à toa
só pensando em coisa boa
é este o meu pensar

Ancorei o nosso barco
nas águas do bem-viver
Com Jesus do nosso lado, não vamos nos perder
Só quero o que é meu
Se assim me for possível
A todos desejo o máximo
que também me é preciso

Agora desejo a todo mundo vida longa
e bem feliz
Cheia de paz e liberdade
com deus na diretriz ☪



“Clausura urbana”.

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis, 2019.

André Berté. (1975 -) é bacharel em Direito e músico. Nasceu em Cascavel/PR (onde residiu somente um ano), e antes de chegar a Desterro, em 1993, viveu em Herval D'Oeste. Lançou seus primeiros trabalhos autorais em 2015: o álbum musical Bicho-Grilo e o livro Pobrefobia. Iniciou sua trajetória musical aos 12 anos em festivais da canção. Cria com influências da música brasileira e suas composições e letras unem retoques de poema a melodias que gostam de ser assobiadas e buscam naturalmente a atmosfera das percussões. Além de compor, canta e é violonista. Lançará em 2020 o 2º disco e ainda em 2019, o 2º livro de poemas.

Pobrefobia

Cidades do concreto
Procriam ratazanas ricas e soltas.
Cidades claustrofóbicas disseminam a
Pobrefobia.

De aberto, nem mais o céu.
A céu aberto, apenas esgotos:
Um alimento de nossos filhos.

Desconfie

Desconfie se
Não gosta de mar e
Não tem rede em casa.
Pescar preguiça é fundamental.

Jardins

Transforme
O mundo
Em jardins:
Pise na grana.

Cores?

Em mundo
Colorido
A realidade
É branca.

Vazio

Se sente vazio?!
Esvazie seu vazio.

A

berração

com
aberração
presente
a berração
deve ser frequente
se
o mundo
te inflama
desinflame α



“Pontes”.

Foto de Cyntia Silva. Chicago-EUA, 2019.

Samuel da Silva Mattos. (1948 -) Advogado, professor de direito, estudioso de filosofia, leitor dedicado, amante da poesia, movimenta-se no campo das questões políticas, do estado democrático de direito, dos valores da justiça social, do pensamento republicano, das ideias da democracia, da construção de uma sociedade justa, livre e solidária. Enveredar-se para o campo da literatura, publicando seus escritos, seja em prosa seja em verso, é uma forma de um agir comunicativo que passa a se inserir na concretização de uma nova agenda, do início de um novo começo.

De pontes e brumadinhos

I

Ele foi recebendo a mensagem
De que há perigos escondidos
Nas estruturas da passagem
Das pontes dos aços fendidos.

II

Que nas infieis governanças,
Há uma tão minguada atenção.
Vão-se esvaindo as finanças
E desviando-se a aplicação.

III

O dito vem chamando atenção,
O dito vem temendo o tombo,
O dito vem dizer ao cidadão
Que há um medo na velha Colombo.

IV

E n'outro toar progressivo,
O dito não é diferente.
É que também na Pedro Ivo,
Há um perigo iminente?

V

Vem-lhe logo ao pensamento,
Que o tempo da administração
Tem regra, tem discernimento,
Tem a técnica da manutenção.

VI

E o povo que votou na cidade,
Num tempo não tão distante,
Também está na contabilidade,
Elegendo o seu representante.

VII

Tem os votos aqui da cidade,
Outros tantos do continente,
Eleitos, cadê a cumplicidade?
Venha cá, que o risco é iminente!

VIII

Foi recebendo as mensagens
De que há riscos escondidos
Nas estruturas das passagens
Das pontes dos aços fendidos.

IX

Como há tantos Brumadinhos,
Há outras tantas Marianas!
E com esses tantos puxadinhos
Lá vem as tragédias urbanas.

X

Com custos minimizados,
Com método das vazantes,
Assim seguem maximizados
Os lucros daí resultantes.

XI

E o cidadão, o contribuinte?
E o contribuinte, o cidadão?
Passa um dia. E o seguinte.
E vai passando a multidão.

XII

E nos muitos recantos,
E dos muitos espantos,
Já tristes são os cantos,
Os lamentos e os prantos.

XIII

No concerto de governantes,
Tantos milhares de vereadores,
Os deputados e os senadores,
Abandonando seus votantes.

XIV

Meu voto! Quero meu imposto!
E a contabilidade, o balanço?
O voto? Cadê o meu preposto?
Qual é agora o próximo lanço?

XV

São barragens e são as pontes.
Não são tão vãs as filosofias
Que perguntam nos horizontes:
O que fazem as engenharias?

XVI

Cadê as técnicas e as tecnologias?
Cadê os métodos e as metodologias?
Cadê os custos, os lucros e outros que tais?
Cadê as cautelas com os danos ambientais?

XVII

Seja no Sul ou seja no Norte,
Seja a Leste ou seja a Oeste,
E com a tragédia vem a morte.
Prenúncio triste, inconteste.

XVIII

Cadê, dentre os valores, os valores finais?
Se é de verdade os valores humanos, uma opção;
Ou os valores das bolsas e os dividendos é o que
buscais?
Eis o dilema fatal: minimização e maximização.

XIX

Que dizem as tecnologias das pontes?
Que dizem as metodologias dos Brumadinhos?
Que dizem as ecologias dos belmontes?
Que dizer dos nitritos e detritos dos milhares de
puxadinhos?

XX

Quanto aos crimes ambientais,
De tantas e tantas mortes fatais,
É grave dever das autoridades
Apurar as ditas responsabilidades.

XXI

São barragens e são as pontes.
Não são tão vãs as filosofias
Que perguntam nos horizontes:
O que fazem as engenharias?

XXII

Nesta questão fundamental,
Também se vai à Constituição,
Pois há o direito fundamental,
Assegurar o ir e vir do cidadão.

XXIII

Da mensagem, vai-se a Lisboa.
Nas sendas do verso inspirado,
Já dito pelo Fernando Pessoa,
Brado que me seja emprestado.

XXIV

Disse o tão celebrado lusitano
Pela beira do Tejo espraído,
E portado pelo grande oceano
Seu verso atracou neste lado.

XXV

“O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor,
A dor que deveras sente”. ◀



“Alambrado”.

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis/SC, 2019.

José Carlos Mendonça. *Cientista político, brasileiro, mora em Florianópolis há mais de 20 anos. Quando criança, morou no interior de Goiás e credita sua capacidade contemplativa às suas vivências na área rural. Acostumado à escrita acadêmica e política, quis se aventurar pelas trilhas da poesia, em um primeiro momento como exercício lúdico com as palavras. Possui várias poesias escritas e esta é a terceira que publica.*

Dentro e fora das quatro linhas

Dizem que não se discute política futebol e religião
Vibram com isso o político o cartola e o capelão
Quem gosta de futebol vive uma dupla sensação
Ama e odeia tanta beleza e tanta podridão

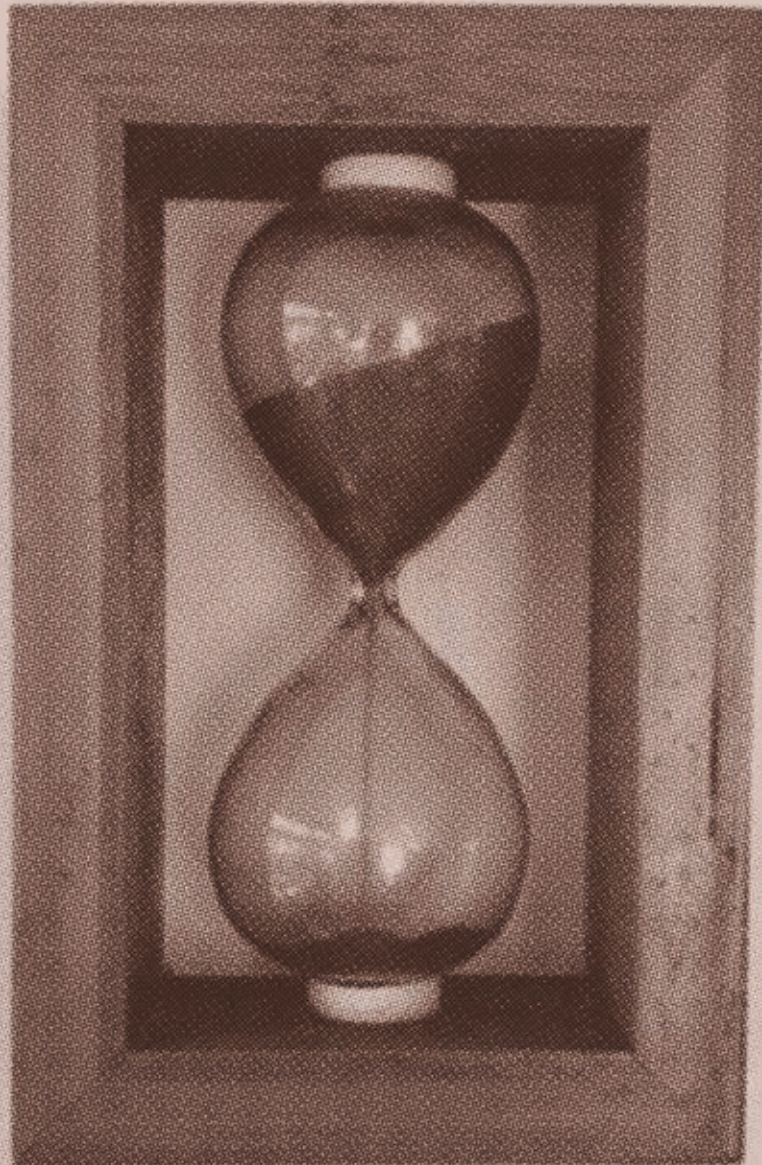
Lavagem, propina, cambista e jogo arranjado
Fraude, desvio, polícia e juiz comprado
Acorda torcedor! Arrebenta esse alambrado
Pula esse fosso e invade esse gramado

Drible, ponte, golaço e encaixada
Chapéu, chilena, meia-lua e embaixada
Festeja torcedor! Abraça seu camarada
Libera essa paixão que alivia a caminhada

FIFA, CONMEBOL, CBF e quejandos
Fora das quatro linhas tá cheio de malandros
Pensa torcedor! É hora de dar uns trancos
Varre com essa gente encostada nos barrancos

Gritos, palmas, pulos e muito xingatório
Dentro das quatro linhas sentimento compulsório
Extravasa torcedor! O estádio é o seu consultório
Ser racional depois do jogo deve ser obrigatório

Dizem que não se discute política futebol e religião
Vibram com isso o político o cartola e o capelão
Quem não gosta de futebol ignora a contradição
Razão e emoção incendiando mente e coração ◀



"Tempo suspenso".

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis/SC, 2019.

Rafael Rosa Hagemeyer. Cantor e compositor popular, além de historiador e professor há mais de 20 anos. Recebeu o 2º lugar no I Festival da Canção da UFPR em Curitiba, onde atuou fazendo voz e violão nos bares, assim como em Porto Alegre, com o duo Conversa de Botequim, cantando sambas da velha guarda. Atualmente dedica-se à página “Paródia da Semana” (www.facebook.com/parodiadasemana), divulgando todos os sábados um vídeo inédito com uma versão dos acontecimentos que marcaram o debate político, a partir de grandes sucessos da música popular.

Deshitória

Penso e logo desisto
De buscar no tempo passado
Uma origem que faça sentido
Para o presente encontrado
Seguindo as velhas pegadas
Do caminho que foi invertido
Partindo de para onde foi
Para achar de onde tinha saído

A história, a que se conta
A que se escreve e se encena
É mais o produto de um conto
Pago por algum mecenas
E os fatos que o artífice escolhe
Arranjados segundo seu mando
Formam lindos bordados
Ao freguês acostumando

Bem diferente é a História
Sisuda da academia
Com método certificado
Pelo doutos que a examinam
Vaidosos de si e dos amigos
Presentes na bibliografia
No corpo do texto citados
Como prova de muita estima

As perguntas que faz a criança
Que sincera e curiosa indaga
Não terminam onde começam
Mas ficam no meio da estrada
A quem devo a minha existência?
Que mundo é esse, o legado?
Futuro, ainda há esperança?
Que fizeram meus antepassados?

Ser após a morte lembrado
Não faz nenhuma diferença
Pois de ti farão o que quiserem
Já que morto não tem consciência
Tomarão tuas palavras torcidas
E teus gestos moldados primeiro
E comporão de ti um personagem
Herói ou vilão por inteiro

Essa é a história dos vivos
Que faz dos mortos tragédia
Dos quais fabricam o sentido
Que quiserem, e não o que era
Pois a glória póstuma, absurda
Que por tantos é cobiçada
Para quem está morto de fato
Não pode representar nada ☪



Edir Alonso

Você tem medo

Você tem medo
e me diz pra não soltar a sua mão.
Mas só se agarra aos de sua mesma condição. Sua cor, sua dor,
seu gênio, seu gênero,
sua imagem no espelho.

Você tem medo e cala.
Se esconde no seu lugar de fala
e faz calar.
Sua teoria, sua teologia,
explicam o mundo que segue a girar.

“Olhar”.

*Foto de arte urbana por Cyntia Silva.
Artista Cauê Santos. Florianópolis/SC, 2019.*

Você tem medo e diz: “serei resistência”,
mas é só defesa:
ouve os disparos e se esconde atrás da mesa.

Você tem medo de dizer: “sou socialista”.
Pensando bem, diz: “sou progressista”.
O fascista, sem nenhum pudor, se diz “liberal”
e se torna natural.

Você tem medo, mas diz sem pensar:
“não passarão”.
Você, passarinho,
toma o primeiro avião e foge do ninho.

Você teve medo e não acusou o golpe.
Quando os leprosos apontaram o dedo,
nos acusaram por “corrupção”,
você teve medo e colocou os olhos no chão.
Caminhou no escuro, junto à multidão,
sem ter direito à bandeira, cor ou opinião.

Seus gritos de medo: “Não vai ter!”, “Ele não!” “Não!”, “Não!”, “Não!”, te fizeram criança assustada
correndo de um cão.

Depois de tudo, você segue com medo
e renitente diz: “nenhum direito a menos”.
Mas se já lhe tiraram tudo:
sua casa, sua saúde, sua mocidade,
suas ideias, seus planos, sua dignidade.

Só resta um protesto tímido,
feito mais pelo hábito de quem já se moldou
à cadeira e espera sentado, num canto, comendo com as mãos.
Com medos e “nãos”.



"Búzios literários 03".

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis, 2019.

Poema Cerâmico

Marco Oliva. *Artista multimídia. Cantor, compositor, ceramista e escritor. Publicou os livros Dupla Poesia, com Marli Silveira (Ed. Edunisc, 2008), De A a Z, uma história poética da brincadeira do Boi-de-Mamão na Ilha de Santa Catarina (Ed. Bernúncia, 2012) e Paralelepípedo Poema (Ed. Lesma, 2016), um relato de educação e prática multidisciplinar, envolvendo cerâmica, música e poesia.*

Me importa o poema matéria,
o poema tátil
que descalcifica meus ossos,
que move minhas artérias,
fortalece músculos e sentidos.

O poema bruto, pedra fria,
que guarda gestos de calor,
impressões de pele e alma.

Poema memória.

Poema cidade.

Poemicidade, concreto, aço, ferro, poema vento, poema invento água, sabores, cores,
poema movimento.

Poema feito de barro, poema ser.

Poema cerâmico.

O poema que aniquila minhas articulações, que retorce meus dedos,
que os estraçalham, que os acariciam, que os descobrem
em palavras plenas, cheias de paz e de trabalho e de esperança e de barro e de leituras,
iluminuras de blocos de concreto cerâmico e sonhos de um país letrado, afinado, educado.

Fotógrafos colaboradores desta edição:

Adriano Hebenriter

(1966 -) Nascido em Porto Alegre-RS, é fotógrafo profissional com olhar sensível e atento para a natureza.

Caroline Pacheco Garcia

(1985 -) Natural de Florianópolis, é engenheira florestal e fotógrafa nas horas vagas. Ama capturar a beleza das formas e das manifestações da vida.

Cyntia de Oliveira e Silva

(1966 -) Brasiliense, é professora da Oficina da Palavra. Inspira-se na literatura, na fotografia e nas artes em geral.

Mara Fernanda

(1981-) Goiana, é advogada de formação, fotógrafa e cozinheira de coração. Em meio à fotografia e à cozinha, busca nas cores, sabores e aromas encontrar o equilíbrio para expressar-se com criatividade.

Simone Dalcin

(1970 -) Designer e permacultora, admira e fotografa as coisas miúdas do sítio onde mora.



“Escrevendo com luz”.

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis, 2019.



Espaço para estimular a expressão escrita

Oferecemos suporte à prática da redação para vestibulares e concursos, para o texto acadêmico ou profissional, para a escrita literária ou, simplesmente, para o prazer de escrever.

Nossa proposta

A produção de textos, nos seus mais variados gêneros, é uma atividade com a qual nos deparamos cotidianamente, quer em situações formais ou informais. No contexto de comunicação digital, redigir de forma eficiente tornou-se um poderoso instrumento de interação social. Entretanto, ainda são muitas as pessoas que possuem alguma espécie de bloqueio para o manejo da linguagem escrita.

Na Oficina da Palavra proporcionamos algumas ferramentas e técnicas para o desenvolvimento da consciência textual e do raciocínio crítico. Nosso combustível é a paixão pelas palavras e pelo poder que elas proporcionam para impulsionar a necessária mudança social.

E-mail: cyntia@ofpalavra.com.br

Telefone: (48) 99963-1355

[instagram.com/oficina_da_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

[facebook.com/ofdapalavra](https://www.facebook.com/ofdapalavra)

www.ofpalavra.com.br



OFICINA
da Palavra
PUBLICAÇÕES

WWW.OFPALAVRA.COM.BR